

CM - 23. Y. 53  
M 244  
Revele-se  
M 594

## “Corrente” de Poesia

19/11/66

RUBEM BRAGA

**R**ECEBO uma carta anônima...

Não é a primeira que me vem; é entretanto a mais bela de todas as cartas anônimas. E me comove nesta manhã de sol, porque é um gesto de beleza.

Trata-se de uma «corrente», dessas que a gente deve copiar várias vezes e mandar a várias pessoas diferentes. Mas não se trata aqui de receber ou mandar nenhum dinheiro, nem de fugir à maldição de desastres. Não se apela para a nossa vã cobiça nem para a nossa vil superstição. O que devo mandar, anonimamente, a seis pessoas, é um poema de Pablo Neruda. Se fôsse um poema político, seria propaganda. Mas é apenas o vigésimo daqueles «Veinte poemas de amor e una canción desesperada». Releio com emoção esses versos: «**Puedo escribir los versos mas tristes esta noche**». É um poema de amor e de saudade; nada mais. Ele pensa na amada que já não o ama e diz: «**De otro, Será de otros, Como antes de mis besos. Su voz, su cuerpo claro, Sus ojos infinitos**».

Há neste Rio de Janeiro, em meio a tanta tropelia vulgar e triste, uma pessoa que se emociona com um poema e conspira pela poesia. E manda este apêlo anônimo e por isso nobre, e por isso grave e puro. «**Porque en noches como esta la tuve entre mis brazos, mi alma no se contenta con haberla perdido**».

Há muitas dezenas de anos atrás, um môço, no Chile, sofria a dor do desprezo, tão banal e tão ruim, e fazia versos quase vulgares, ainda que belos. Súbitamente alguém acha que é urgente que todos saibam esses versos; e pede a seis pessoas que metam carbono em sua máquina e mandem a mais trinta e seis, que os mandarão a mais sete mil oitocentas e seis... dezenas, centenas de milhares, milhões de pessoas a ler: «**Como no haber amado sus grandes ojos fijos...**» ou «**Pensar que no la tengo, sentir que la he perdido**».

Não sei, mas não sinto ânimo de continuar a corrente. Alguma coisa me parece súbitamente de uma tristeza monstruosa na progressão geométrica desse lamento noturno. «**Mi corazón la busca, y ella no está conmigo...**» Relembro a voz do poeta e ouço a mesma voz grave murmurando isso em milhares de bocas — e essa multiplicação mórbida e bela me faz mal.